



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

O SEculo

# O SONHO do CAMELO

Por LAURA CHAVES

**C**ERTA manhã, Dom Camelo acordou mal humorado pois tivera um pesadelo em que se viu transformado,

—vejam que coisa mesquinha— sendo ele enorme em tamanho, numa simples andorinha, nesse animal tão tacanho!

Correu direitinho ao monte a contar a novidade, ao primo Rinoceronte e à sua cara metade.

—Compreendo o seu desgosto,— diz esta, muito galante:  
—Quem tem um tão lindo rosto, ver-se andorinha, é vexante!—

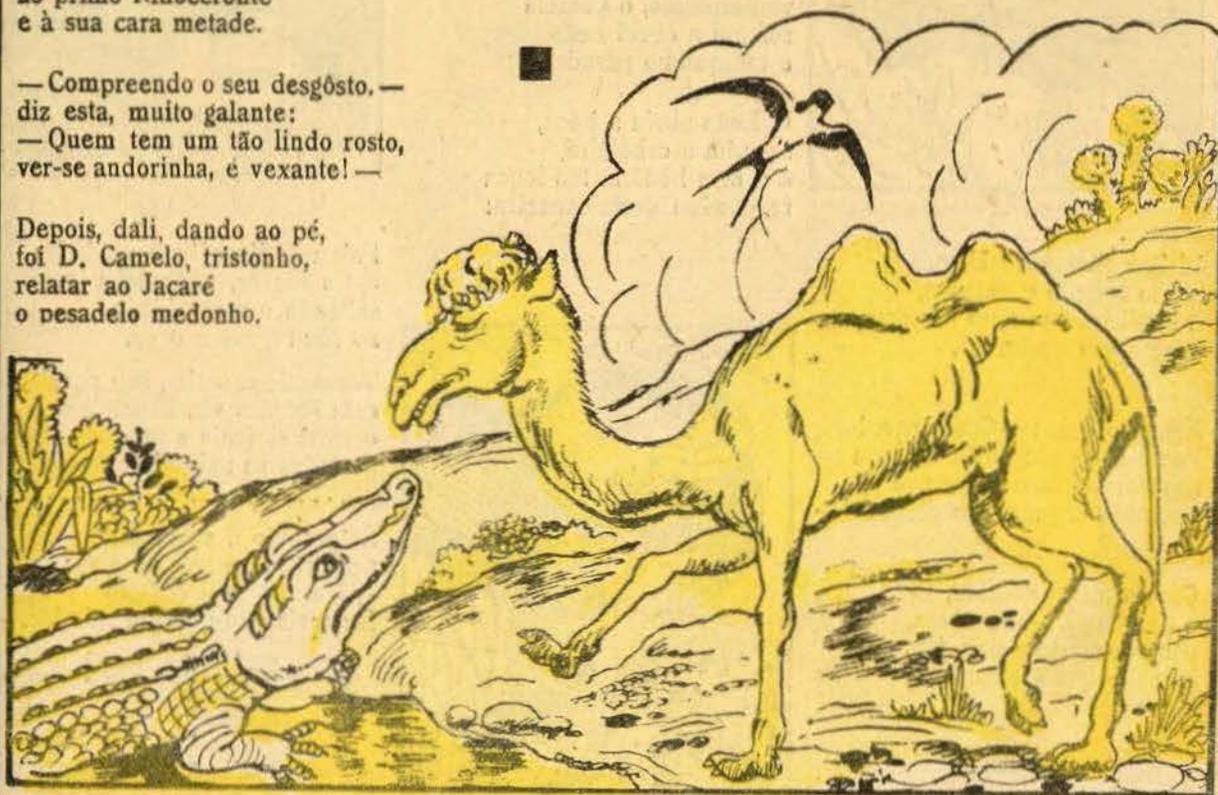
Depois, dali, dando ao pé, foi D. Camelo, tristonho, relatar ao Jacaré o pesadelo medonho.

E o Jacaré logo disse:  
—Em andorinha, calculo!  
Que rematada tolice!  
Eu, cá por mim, dava pulo!

O Camelo, de tropel, sempre triste e compungido, foi contar à Cascavel o sonho que tinha tido,

Diz-lhe a cobra, num apito, dando jeitos à cabeça,  
—O amigo que é tão bonito, em andorinha, que peça!

Eis que vai num catrapós o camelo, a galopar, contar ao Tigre feroz o sonho de arrepiar.





Responde ele: — Que tristeza o meu amigo há-de ter! Sendo um tipo de beleza, francamente, isso é descer! —

E vai ela respondeu: — Está triste e tem de quê! Porque mais lindo do que eu, no mundo, só há você. —

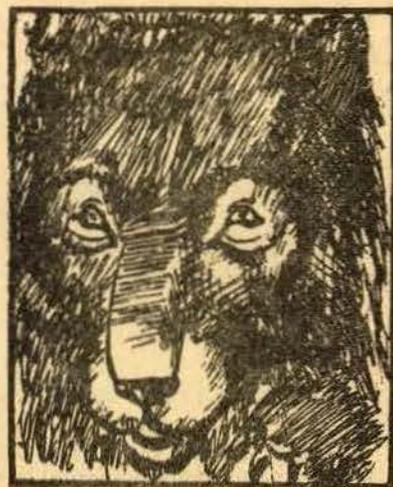
— Você que é feio, aleijado, sonhou que era uma andorinha, e sentiu-se amesquinhado?! E' tanso este marrequina!

O Camelo, então, buscou D. Ouriço — Pica-Gente, a quem logo pespegou o sonho tão deprimente.

Respon deêste: — Com certeza, que humilhação! Que chalaça! Você, a maior beleza que existe na sua raça!

Assim, cheio de razão, vaidosíssimo, o Camelo relatou a el-rei Leão o mesquinho pesadelo.

O Leão abriu a bôca, sacudiu a cabeleira, e a essa história tão louca respondeu desta maneira:



Visitou compadre Urso, muito agitado e nervoso, e explicou-lhe, num discurso, o pesadelo horroroso.

Ronca o Urso: — Caso grave! Põem-lhe a elegância à prova transformando-o nessa ave que nem, sequer, tem corcova! —

Com o moral abatido, o Camelo, à Dona Arara, contou, em tom dolorido, o sonho que ele sonhara.



Pois vou dizer-lhe a verdade: — Os bichos, por minha fé, sabendo a sua vaidade só lhe regaram o pé.

Tornando-o, assim, seu parolo, com lisonjas vis, banais, o mais ridículo e tolo de todos os animais!

.....  
 Êste conto é verdadeiro, acreditem no que eu digo: — Um amigo lisongeiro faz mais mal que um inimigo. —

F I M

# O MENINO BRRIBIBI

Por LEONOR DE CAMPOS

A senhora Coelha ia ao mercado vender umas couvinhas. Ao sair recomendou aos filhos:

«Tenham muito juizinho! Portem-se bem! E não saiam de casa, antes de eu voltar! Ouviram?»

«Sim, mãzinha!»—exclamou, em côro, a peizizada.

A senhora Coelha fez uma festa a cada filho e saiu.

Os pequenos, cheios de juizo, foram ao armário dos brinquêdos, buscar os berlindes e puseram-se a jogar.

Ao fim de pouco tempo, Brribibi, o mais desinquiêto dos irmãos, declarou com o focinho franzido:

«Eu cá não brinco mais, pronto! Uff! Que jôgo aborrecido!... A mim quem me tira o *foot-ball* ou as corridas de velocidade, tira-me tudo! Brr! Estou farto de casa! Aqui até falta o ar a um pobre coelho!..»

Mas a coelhita mais velha, a Tátá, que, por ordem da mãe, ficava sempre a tomar conta dos irmãos, logo o repreendeu e aconselhou:

«Tem paciência! Também nós preferimos an-



dar lá por fóra mas, quando não pode ser, não há remédio senão conformarmo-nos!...»

«Pois sim!»—resmungou Brribibi, muito irritado.—Falas como uma rata sábia!...»

E afastou-se para um canto, de focinho baixo, a ruminar maroteiras. E como os irmãos continuassem a brincar, sem mais lhe ligarem importância, Brribibi, daí a nada, sorrateiro, dirigiu-se para a cozinha. Mas a Tátá, sempre vigilante, foi-lhe no

encalço. Ao ver o irmão muito atarefado a arrastar para a chaminé o banco da cozinha, indagou:

«Que queres daí!»

«Quero os fósforos. Já que não me deixam sair, vou distraír-me a fazer uma fogueira!...»

«Tu estás doido, Brribibi! Não sabes que a nossa mãe proibiu que brincassemos com lume?»

«Ora, ora! Isso não é para mim, que sou um coelho esperto e ladino!... Sei muito bem acender o lume sem me queimar!...»

«Mas eu é que não consinto!... Ou me dás já essa caixa ou tiro-ta à força!...»

«Ora atreve-te. Vá!...»

E, saltando para o chão, empurrou, brutalmente, a irmã contra a parede e fugiu para o seu quarto com a caixa entre os dentes. Tátá e os irmãos que, atraídos pelo barulho da discussão, se tinham aproximado, correram atrás dele. Mas Brribibi ágilmente pulou para cima da cama e daí, trepando pelos ferros, com um pequeno esforço, conseguiu encarrapitar-se sobre o guarda-vestidos. E então, antes que os irmãos o alcançassem, pôs-se a acender fósforos e a atirá-los ao ar, cantando:

Pum!

Lá vai um!

E depois:

Trás! Trás!

Lá vão dois.

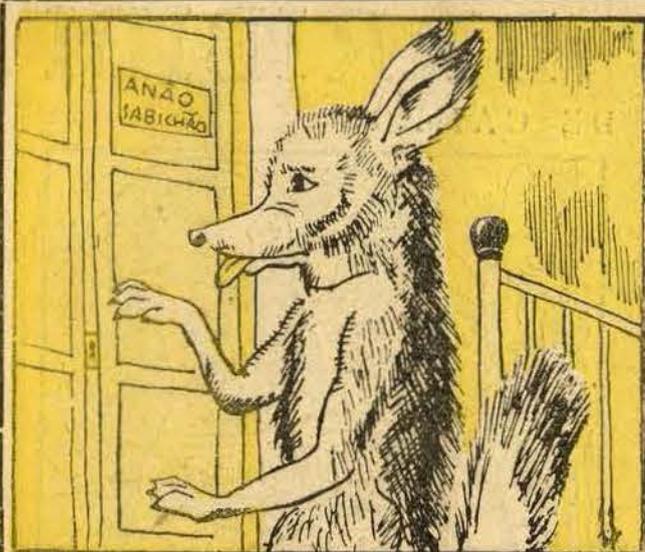
Outra vez!...

Já são três!...

De repente um dos fósforos, ainda acêso, caíu sobre a cama e pegou fogo à roupa.

Os coelhitos aflitíssimos largaram a fugir para à porta da rua, gritando:

(Continua na página 6)



# A MANHA DA RAPOSA

## E O ANÃO SABICHÃO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

o grande amigo dos animais e o grande conselheiro das crianças?... Quem seria esse portentoso que tudo sabia e tudo adivinhava, operando, até, verdadeiros milagres?! Consta, apenas, que morava no topo duma colina, ao nascente, donde baixava para todos os pontos, num pequenino avião sem motor, de sua grande invenção. Que usava um barretinho vermelho, jaqueta da mesma cor, com estrelinhas douradas, um calçote às riscas e que era tão pequenino que até coubera numa pequena caixa onde, pela primeira vez, aparecera em casa da ilustre escritora D. Virginia Lopes de Mendonça, conforme a nossa presada colaboradora o revelou aos nossos pequeninos leitores, com tanta graça e sugestivo encanto.

Quem seria, pois, o misterioso anão que tanto intrigava a imaginação dos meninos e o bestunco irracional dos bicharocos?! — pensavam estes, ruminando o seu instinto ou bichanando entre si, até que, numa solene reunião dos mais importantes animalejos do Reino, foi decretada uma romaria, de toda a bicharia que havia, à habitação do célebre Anão Sabichão que, naquela região, causava tal sensação.

Ao ser anunciada a decisão do conselho pelo pregoeiro Papagaio Real e por todos os «loiros» da região, como arautos do dito pregoeiro, logo que a nova chegou aos ouvidos duma manhosa raposa, imediatamente esta decidiu aproveitar aquela oportunidade para praticar mais uma das suas já famosas proezas, a qual consistiria no seguinte: — Iria, antes da hora combinada,

cumprimentar o grande pequenino Anão Sabichão e, à volta, pertinho da casa dele, oculta atrás duma sebe, atrairia a si, com disfarçados *mê-mês*, os tenros cordeirinhos que se houvessem incorporado na grande romaria, a-fim de os matar e levá-los para casa, onde, depois, teria lauto almoço e farto jantar para toda a semana... pelo menos!

Planear e pôr em prática o ardiloso intento, foi obra de pouco tempo. Faltava, ainda, uma hora para a largada da grande bicha dos bichos, já a raposa matreira seguia, apressada, a caminho do alto da colina, disposta a cumprimentar o Anão Sabichão e, duma cajadada, a matar dois coelhos... e outros tantos cordeirinhos.

Antegosando o cobiçado manjar e a delamber-se toda, gulosamente, a manhosa raposa ia andando e dizendo:

Sem o menor risco de ser apanhada, cordeirinho aprisco, fugido ao aprisco, que belo petisco vou ter daqui nada!...

Já quasi chegada ao alto da colina, deparou-se-lhe,



casualmente, mesmo à beira da estrada, uma sebe florida que logo destinou para esconderijo.

Assim que voltar de cumprimentar o Anão Sabichão, não me há-de escapar esta ocasião para me ocultar.

Com a sua fisgada, a raposa manhosa, dirigiu-se, então, à moradia do Anão, onde, batendo à porta, logo ouviu uma voz perguntar:

— «Quem é?!...»

(Continua na página 7)

**D**E lés a lés, no Reino dos animais, correrá a grande nova de que um profeta surgira, tão grande de alma e saber, quanto miudinho de tamanho, chamado Anão Sabichão.

O filósofo Burro, o célebre Doutor Mõcho, o sábio astrólogo Chapim e o mavioso poeta Rouxinol já várias vezes se haviam reunido em solene conselho, a-fim-de comentarem o grande acontecimento e de combinarem a melhor forma de renderem as suas homenagens a tão importante personalidade.

No estábulo das rezes, no curral das ovelhinhas, na lura das cigarras, entre o silêncio da noite e a paz dos campos, à hora em que o guarda nocturno Pirilampo, zeloso, o sossêgo dos lares animalescos, a grande nova causara tal impressão que não se bichanava outra coisa.

— «Quem seria esse Anão Sabichão, que diziam ser

# A DECEPÇÃO DE CARLITOS



I — O Carlitos, que é um barra para a arte musical, Ni comprar uma guitarra...

II — Zézito, ao voltar da mestra, fala-lhe e diz-lhe: — «O meu pai pertence a uma grande Orquestra...»

III — Com efeito, o pai do Zé, tem ar de artista afamado, motivo porque ele é

IV — saudado por toda a gente que, ao vê-lo sem instrumento, logo diz: — «Será regente?!...»

V — Até que o Zézito, um dia, põe termo à curiosidade que à sua volta fervia.

VI — E mostra aos seus amiguinhos que instrumento o pai tocava. Afinal era... ferrinhos!



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Queridas discipulas:

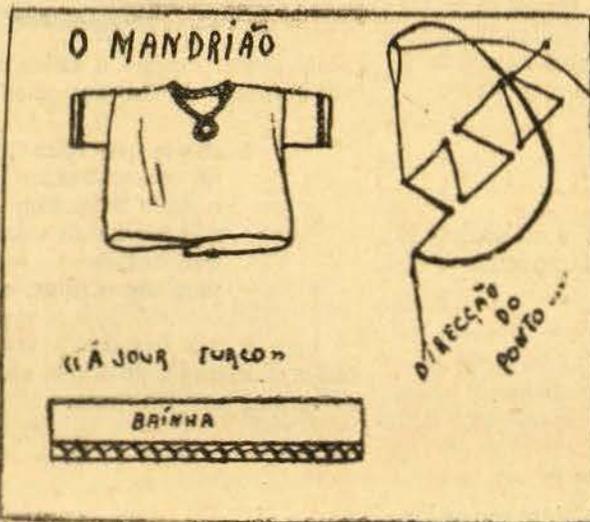
COM muita alegria venho outra vez trazer-lhes um novo modelo da «parure» da boneca. Eu quero que as minhas «abelhinhas» vão criando hábitos de trabalho; começarão pela roupinha dos bonecos de celuloide!

E' tão engraçado vestí-los, não é verdade? Temos, hoje, o mandrião! E' muito facil de cortar. Basta, para isso, arranjar uma tira com a largura do corpo da boneca e duas vezes a altura do ombro até à cinta, tendo o cuidado de dar o desconto para as costuras e para que a peça fique um pouco folgada. Dobra-se, então, o pano em 4 partes e dá-se o feitiço do pescôço, como se vê na gravura. Depois mede-se a largura da manga e marca-se a cava e dela até à bainha, cosem-se os lados do mandrião. A cava, que é direita, pega-se, então uma manguinha pequenina que é uma simples tira a direito. Em cada uma das partes de traz, faz-se uma bainha para as cascas e botões e, por fim, faz-se a bainha em baixo a toda a volta. O mandrião pode ser cosido em «ponto adiantes» pequenino e bem feitiño; lembrem-se que

a perfeição é essencial em todos os nossos trabalhos, pois sem ella, pouco valôr têm. No próximo número occupar-me-hei, exclusivamente, dos vários pontos da costura. Hoje a lição é para vos ensinar o «à jour turco» com que a nossa pequenina peça será guarnecida. O modelo indica com precisão qual o caminho da agulha a seguir. Neste «à jour» não se tiram fios, segue-se apenas o traço que o desenho indica. Este ponto é feito com uma agulha bastante grossa e precisa ficar bem apertado e certo para que o efeito resulte bonito e perfeito. Cada tracinho indica a direcção da agulha e em cada uma destas direcções dão-se 2 pontos, isto é, um em cima do outro. Assim se vai obtendo um «à jour». Os dois pontinhos, que quasi se tocam, formam apenas um buraco; vão assim separados na gravura para as minhas «abelhinhas» verem qual o caminho que a agulha deve seguir. Estou certa que, sem difficuldade, ireis guarnecer as manguinhas e o decote

do nosso engraçado mandrião, o qual, depois de feito, será um encantador presente para a boneca preferida! E, por hoje, vão muitas saudades da

ABELHA MESTRA.



O MENINO BRRIBIBI — (Continuação da página 3)

«Socórro! Socórro! Fogo! Fogo!...»

Brribibi queria fugir também! Mas como, se a cama estava a arder?!...

O desgraçado bem pedia que lhe acudissem:

«Eu não torno mais, juro!... Mas salvem-me! Salvem-me!...»

Entretanto, Tátá conseguiu abrir a porta da rua. E atraídos pelo barulho que os pequenos faziam, logo acudiram os vizinhos. E o senhor Mandril, um macacão muito esperto e expedito, immediatamente foi buscar à garagem o seu automóvel Camelo e partiu a toda a velocidade a chamar os bombeiros elefantes. Estes não se fizeram esperar. Pouco depois apareciam com o seu auto-tanque. E enchendo de água as grandes bombas, num instante apagaram o fogo.

Foi esta rapidez que salvou Brribibi. Encontraram-no muito queimado, mas vivo, dentro da bacia do lavatório. Levaram-no ao hospital, onde lhe fizeram o curativo. Mas durante muito tempo

andou horrendo: a cabeça pelada, o pêlo todo chamuscado e sem bigodes.

Contudo, aquilo serviu-lhe de lição.

Disse-me noutro dia o Dr. Esquilo, vizinho e amigo da senhora Coelho, que, daí para o futuro, nunca mais Brribibi foi desobediente, nem teimoso, nem mau!... E tanto que a sua tia Dona Lebre, senhora de grandes haveres, declarou, não há muito, à filha única, a menina Lebrisca:

Lebrisca, se tu quizeres casar com Brribibi, dou-te em dote o que escolheres: O colar da avó Lebranha! O piano em que se arranha Dó-ré-mi-fá-sol-la-si!... Ou a casa da montanha onde canta o colibri!...

# A MANHA DA RAPOSA

## e o Anão Sabichão

(Continuação das paginas 4 e 5)

Com doces falinhas, a matreirona respondeu:

— «Gente de paz!»

Mas, sem abrir a porta, torna o Anão Sabichão:

— «É o que a traz até esta moradia?»

Responde a raposa:

— «Saudar vossa Senhoria, por ser pessoa capaz, e de assás sabedoria.»

Ora o Anão Sabichão, que era espertalhão e que tudo percebia à légua, logo lhe respondeu:

— «Não gosto de louvaminhas e não abro as portas minhas senão a quem não me adula. A lisonja encobre a gula, tu deves, pois, ser gulosa!... Vai-te raposa manhosa!...»

Despeitada e enraivecida, a raposa retrocedeu e ao chegar junto da sebe que destinara para esconderijo, ocultou-se, aguardando a romaria dos bichos.

Com a sua espingardinha de ar comprimido, o Anão Sabichão, que seguira a raposa sem esta o suspeitar, percebendo os intuitos da manhosa, resolveu aguardar o momento propício para lhe aplicar o devido castigo, ocultando-se atrás doutra sebe.

Quando, do lado de lá da estrada, o grande cortejo ia desfilando e um cordeirinho corria ao encontro da raposa, atraído pelo seu disfarçado *mé-mé*, uma descarga de chumbo alvejou, em cheio, a raposa que logo revirou os pés pela cabeça.

Assim que a bicharada, que ia cumprimentar o nosso Anão Sabichão, soube o motivo porque êle castigara a matreira, irrompeu aos vivas ao grande justiceiro e, então, o pregoeiro Papagaio Real, que seguia num imponente poleiro à frente do cortejo, tomou a palavra, em nome de todos os bichos, enaltecendo as suas muitas virtudes e o seu grande talento.

## ADIVINHA CHARADAS EM VERSO

Nas cerolas este pano é duro como um osso — 1-2.

A segunda pessoa, que eu vi escrita, no instrumento foi duma linda flôr — 1-1-1.

Está com prassa de colocar na vasilha esta flôr Indiana — 2-2.

O alemão quando toma essa bebida, reflete-se na cara — 2-1.

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES:

Neste rio encontrei um tecido e um fruto — 2-1.

1 — Relógio — 2 — Chavinha — 3 — Viola — 4 — Botequim — 5 — Serviço — 6 — Período — 7 — Fardamento — 8 — Sebenta.



Meus meninos: — Eis um rico lavrador que veio a Lisboa visitar seu filho. Vejam se descobrem este ultimo.

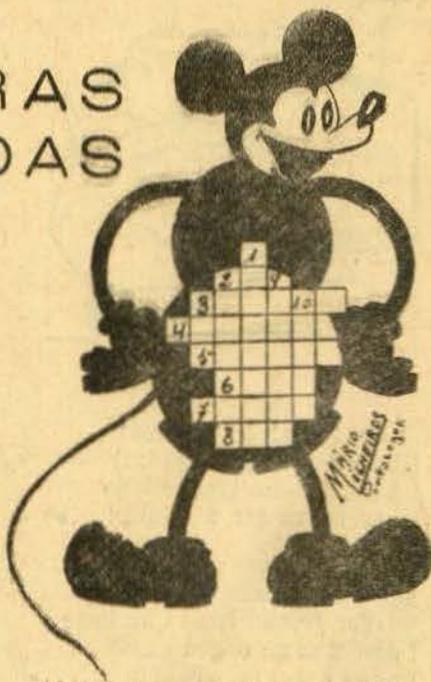
## PALAVRAS CRUZADAS

### HORIZONTAIS

1 — Consoante; 2 — Arco pequeno; 3 — País da Europa; 4 — Praça pública para viveres, gados, etc.; 5 — Tempo do verbo sair; 6 — Refeição da noite; 7 — Sacos de viagem; 8 — Batráquios.

### VERTICAIS

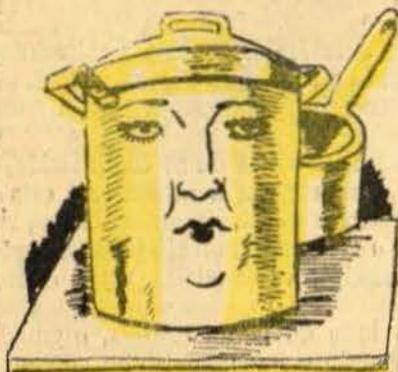
1 — Nome de mulher; 2 — Amarar um navio á terra; — Pronúncia dum adverbio inglês; 9 — Fábricas de loiça de barro; 10 — Percepções intellectuais.



# Uma discussão na Cozinha

**POR ZE' D'ALDEIA**

Desenhos de A. CASTAÑE



**C**ERTO dia, uma panela,  
Vaidosa do seu tamanho,  
Disse assim à caçarola,  
Com certo ar de arreganho:

— «Quem és tu, oh delambida?  
Quais são os teus predicados?  
Uma simples caçarola  
Para fazer refogados!...

Mas sem mim a cozinheira  
Não pode nunca passar.  
Faço a sopa, o principal  
Numa mesa de jantar.»

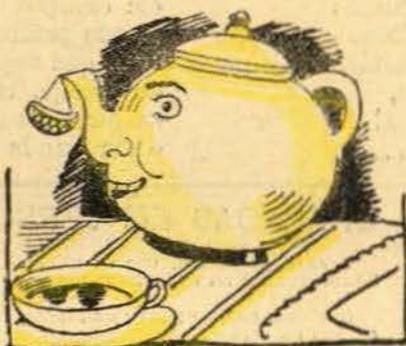


— Ora! Ora! A toleirona!  
(Riposta a caçarolinha...)  
Lá por ter um grande bôjo  
Quer talvez ser a rainha!...

Diz o tacho enraivecido:  
— «Por grande coisa que fôsse  
Fazer a sopa; o que é isso  
Contra quem faz o bom doce!...»

A certã, às gargalhadas,  
Diz, troçando em altos gritos:  
— «O que seria do mundo  
Se faltassem os meus fritos?...»

A grelha, com ar sisudo,  
E com gestos bem-criados,  
Diz, também: — «Qual refeição  
Prescinde dos meus assados?...»



Logo, a leiteira proclama:  
— «Sem mim, que grande destroço!...»

Quem ferveria o leitinho  
Para o pequenino almoço?»

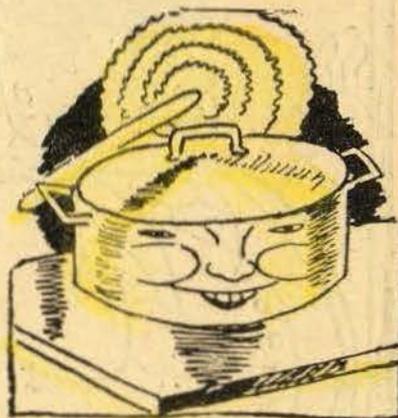
Põe-se, altiva, a cafeteira,  
Não se julga da ralé:  
— «Não vês, panela atrevida,  
Que sem mim, não há café!...»



A chaleira, aristocrata,  
Orgulhosa qual pachá,  
Diz também: — «Sua atrevida  
Que não sabe fazer chá!...»

Não quiz ficar o fogão,  
Sem meter a colherada:  
— «Saibam todos, em geral,  
Que sem mim não valem nada!»

— «Acabou-se a discussão,  
Já basta de bedelhar!...»



Quanto mais valia temos  
Mais a devemos calar...»

Dêste conto, no final,  
Encontramos o conceito:  
Louvarmos os nossos actos  
Não é virtude, é defeito.

■ ■ FIM ■ ■